

FOLKCOMUNICAÇÃO E MANIFESTAÇÕES DE IDENTIFICAÇÃO POPULAR

*Cíntia Xavier da Silva Pinto*¹

Revista SIGNOS. Edição especial Folkcom 2004. Lajeado/RS: Univates, 2004. 131p. Ano 25 – Número 1.

“Na realidade, quando se trata de folclore, não existe homogeneização, mas sim diversidade” (BARROS, 2004, pg.69). É possível transpor essa citação para expressar também a diversidade dos textos alcançada pela Revista *Signos*, para sua edição de 2004. A revista conseguiu reunir, nessa edição especial, que trata da folkcomunicação, textos que abordam amplamente o debate sobre tema, não só na variedade de autores discutindo o assunto, como também na amplitude geográfica, na cultura brasileira. Especialmente porque é possível verificar textos abordando fenômenos comunicacionais ligados às expressões populares desde o Amazonas, passando pelo Nordeste, Mato Grosso do Sul, até chegar ao Sul com investigações que passam pelo Paraná e Rio Grande do Sul. Outra contribuição para a folkcomunicação, na revista, vem de Portugal, onde a língua oral e marginalizada é foco de estudo.

A edição especial da Revista *Signos* está ligada à 7ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação, realizada no período de 13 a 16 de maio de 2004, na UNIVATES (Centro Universitário, Fundação Vale do Taquari de Educação e Desenvolvimento Social), no RS.

As conferências sobre folkcomunicação e a edição especial da *Signos* demonstram a necessidade do estudo acadêmico para os fenômenos culturais populares, que ganham características peculiares nos seus meios de transmissão e divulgação. O folclore sempre esteve presente na cultura popular, mas nem sempre teve espaço para discussão no meio acadêmico. A necessidade desses estudos torna-se fundamental quando se verifica que o processo de transmissão do folclore se dá essencialmente na oralidade, passando de geração para geração. Em função desse aspecto, com a ausência de uma documentação

¹ Jornalista, mestre em Comunicação, professora do Curso de Jornalismo da UEPG/PR

sistematizada pelos próprios produtores das manifestações folclóricas, passa a ser fundamental o debate dos fenômenos folclóricos e comunicacionais nas escolas de comunicação, a partir de pesquisas em andamento. Além disso, a discussão e pesquisa passam também a demonstrar os problemas e características dos povos e das manifestações culturais pesquisadas. Pode-se perceber com maior clareza as peculiaridades culturais a partir dos fenômenos apresentados no folclore e na folkcomunicação.

A folkcomunicação é, segundo Luiz BELTRÃO (apud MELO, 2004, p.8), “a utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar em linguagem popular mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural.” Também há espaço para o resgate da cultura popular dentro da utilização desses mecanismos artesanais, seja o rádio, a dança ou até mesmo os ex-votos, objetos deixados por penitentes para agradecer as graças alcançadas (vão desde membros do corpo feitos de gesso, madeira ou cera, até cartas, orações, fotografias). Sem perceber, ao utilizar as formas de comunicação mais simples, as comunidades acabam resgatando, reforçando seus aspectos culturais, e colaborando para melhorar a auto-estima da população contemplada por mecanismos artesanais de difusão de folclore e das particularidades da cultura popular.

Na Revista *Signos* de 2004 é possível encontrar textos que vão desde as questões tecnológicas e sua celebração (artigo de Leandro Ramires), às promessas para os santos não-canônicos, no caso dos textos de José Xavier dos Santos e Roberto Benjamin. O próprio fenômeno da folkcomunicação é introduzido pelo artigo de José Marques de Melo; as comunidades ucranianas do Paraná recebem atenção no estudo de Sérgio Luiz Gadini e Zeneida Assumpção. O design gráfico e a estética vernacular estão no foco do texto de Vera Lúcia Dones. As danças folclóricas e o espaço urbano são trabalhados por Antônio Teixeira de Barros. Marlei Sigrist (UFMS) procura demonstrar o perfil da localização do homem e suas manifestações a partir do uso de três idiomas simultaneamente no rádio. O Festival Folclórico de Parintins e sua relação com a mídia é foco do estudo de Eula Dantas Taveira Cabral. Juliana Tonin verifica as proposições do agendamento temático sobre o branqueamento da capoeira; e, por fim, Carlos Nogueira aborda a acomodação e recriação da transmissão oral/popular/tradicional, demonstrando dispositivos de adaptação de textos.

Em cada texto apresentado na revista é possível perceber uma certa impossibilidade (ou, talvez, grande dificuldade) de mapear a diversidade cultural existente no folclore e

especificamente na folkcomunicação. Especialmente num país como o Brasil, que tem na formação cultural uma amplitude semelhante ou maior que a sua dimensão territorial. É nesse aspecto que pode ser comprovada a necessidade de uma disciplina e da pesquisa que se dedique ao estudos desses fenômenos culturais que agregam a comunicação artesanal e o folclore. Mapear a diversidade e ao mesmo tempo resgatar a própria importância cultural da manifestação popular. Assim, a edição especial da *Signos* vem em boa hora e é uma boa dica de leitura aos pesquisadores e leitores da área.